

Terminou ontem no Forum Picoas a 1.ª Feira de Arte Contemporânea realizada em Portugal continental. A Marca foi, há um ano, na Madeira, a experiência inaugural. Eis um balanço deste esforço em fomentar o mercado da arte.

FORUM DE ARTE CONTEMPORÂNEA EM QUESTÃO

mente no Porto.

Outro grupo de galerias consagradas, com um tipo de clientela fixo, apresentaram de um modo geral exposições colectivas onde se procurava mostrar as obras dos artistas da galeria e nalguns casos de autores convidados.

UMA BOA ESCOLHA DE OBRAS

Embora com linhas de actuação e de defesa estética diferentes, uma boa escolha de obras dos autores habituais das galerias esteve presente na Módulo, na Quadrum, na 111, nos Cómicos, na Léo, na Árvore, na Nasoni e na EMI. Embora possa ter havido uma ou outra concessão ao gosto mais vulgar ou mais negociável, estas galerias mantiveram-se fiéis aos seus critérios, que já há bastante tempo se pautam por valorizar uma vanguarda que não está apenas circunscrita aos anos oitenta, embora seja esse o peso maior. Deste conjunto de galerias gostaríamos de ressaltar a presença de Rui Chafes e Cutileiro na Léo e a excelente escolha da Quadrum e da 111.

Casos importantes também pela diferença da sua actividade, em termos de movimentação no panorama artístico, parecem-nos merecer a Loja do Desenho com apenas um ano de existência, e a Galeria Diferença, que é uma instituição artística. A Loja de Desenho merece uma atenção especial por fixar os seus interesses no desenho área de expressão plástica onde tem desenvolvido um óptimo trabalho

O Fernando Pessoa, de Julio Pomar, na Galeria 111



Com uma presença em que o critério da escolha de autores é por vezes mais decorativo, houve, no entanto, algumas galerias que apresentaram alguns autores interessantes, como aconteceu com a Roma e Pavia (Porto), Gilde (Guimarães), a EG (Porto), Galeria de Arte de Tavira, esta última com obras importantes de Victor Pomar, e a Altamira, cuja escolha mais discutível se situa ao nível da escultura de Isabel Garcia.

A Circul'arte (Associação de Artistas Plásticos da Madeira) não trouxe novidade mesmo quando se trata da informatização ao nível da expressão visual. O mesmo não aconteceu com a apresentação de uma excelente escultura onde os valores da terra, numa certa projecção conceptual, são bem equilibrados.

CONCLUSÕES

O stand da Sociedade de Belas-Artes marcou, sem dúvida, uma posição importante ao acentuar a sua actividade de quase um século, com obras que foram expostas ao longo de 20 anos, respectivamente de 1965 a 1985, no Salão da sede, inaugurada em 1913. Com uma escolha de quinze autores, treze pintores e dois escultores, sendo muitas das obras expostas prémios Maihoa, a Sociedade procurou deste modo participar na 1.ª Feira de Arte Contemporânea, mostrando desta forma o seu papel actuante que nestas duas últimas décadas tem contribuído para a dinamização da arte actual.

Embora algumas galerias não tenham estado presentes, lamentando-se neste sentido a ausência da Gal, Ana Isabel, Espaço a, Clube 50, que têm sido núcleos importantes na divulgação da arte contemporânea, ou mesmo outras mais antigas como a Ditec, poderemos afirmar que, no seu conjunto, o certame foi positivo, e foi-o indiscutivelmente ao nível das vendas, como alguns dos galeristas nos confirmaram.

Importante foi a quantidade de público que affluíu ao Forum, nalguns casos pessoas que, dum modo geral, não frequentam as galerias nem os museus. Teve, portanto, esse aspecto fundamental, o de se aproximar o panorama actual da arte portuguesa do público em geral, comprador ou não, o de chamar atenção dos meios de comunicação da existência de

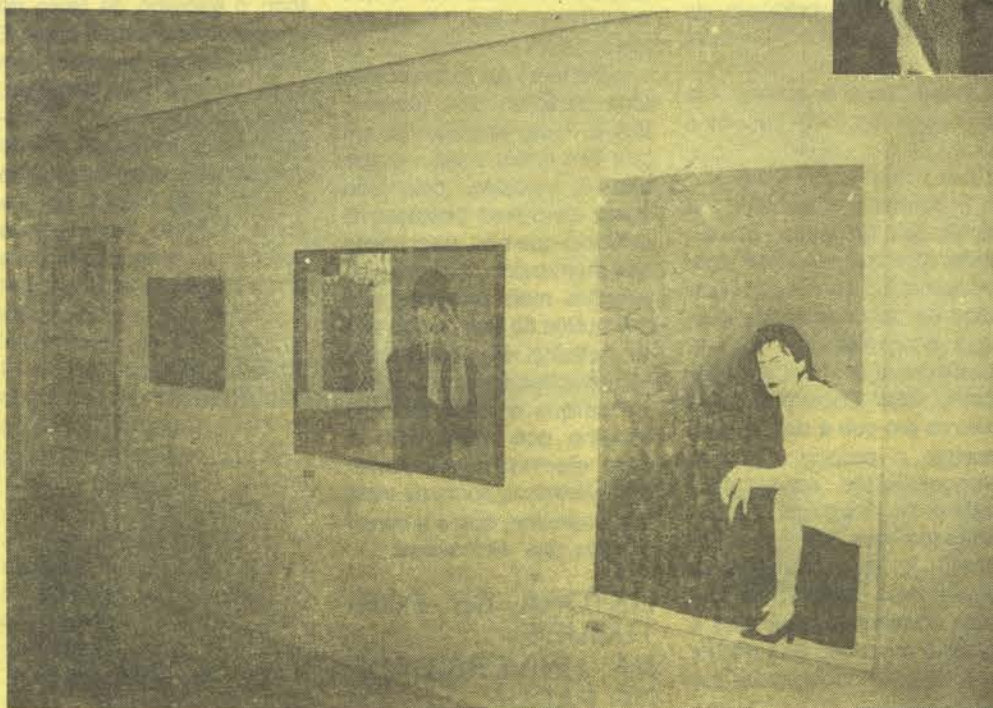
de divulgação de autores conhecidos do público, de um modo geral por outro tipo de produção, sobretudo a pintura. A Diferença, que apresentou alguns autores da galeria e outros convidados, como Manuel João e Catarina Baleiras, mostrou um bom conjunto de obras, das quais destacamos a escultura de João Vieira, «Mamografais», e os «Desenhos Riscados» de Carlos Nogueira.

OUTROS CRITÉRIOS

Galerias recentes como a Novo Século e S. Bento continuaram a apostar em autores jovens, revelações dos «anos 80», o que é meritório, embora nem sempre a escolha das obras tenha sido a mais apro-

priada, o que, no entanto, não impediu que surgissem algumas surpresas agradáveis como as mudanças operadas na pintura de João Alfaro, Francisco Feio, o ludismo da peça de Moisés (S. Bento), a pintura de Victor dos Reis e a instalação de Luís Cruz na Novo Século.

Outras galerias com um leque de autores mais diversificado apresentaram conjuntos de obras dentro de padrões de gosto não estigmatizado aos anos 80 mas que são também importantes. Sera o caso da Galeria Triângulo 48, onde ressaltam as pinturas de Jorge Freire e Gracinda Can-deias, e o caso da R 75, onde uma vez mais se impõem as obras de António Sena e Graça Coutinho.



A Galeria Voz do Operário celebra o primeiro aniversário com uma colectiva

uma vida artística real, embora aqui selectivamente mostrada.

A PAR DO FORUM

A actividade do Forum marcou praticamente o trabalho das galerias e nesse sentido a inauguração de novas exposições ficou mais reduzida. Gostaríamos, mesmo assim, de relembrar três acontecimentos com algum realce: uma exposição colectiva prestes a terminar na Galeria Voz do Operário, ao fazer um ano de actividade. Pautando-se por um lançamento de gente nova, e pela divulgação de autores conhecidos, esta galeria tem desempenhado um papel importante de dinamização da vida cultural na Graça, colaborando com o ARCO e com a ESBAL e realizando exposições diversas que vão da pintura à instalação.

A Galeria de S. Bento inaugurou na passada semana uma exposição de desenhos de Mário Rita intitulada «Desastres». Entre um discurso herdeiro da expressão dramática do neo-realismo e do expressionismo recente, os desenhos de Mário Rita perfazem um lugar importante no seu trabalho, onde uma pintura fortemente gestual e cromática se tem desenvolvido ultimamente.

A Poligrupo tem presente-mente uma exposição interessante da pintura de Isabel Augusta. Estudando e vivendo em Espanha, Isabel Augusta desde o ano passado e tendo uma participação regular em exposições desde 1984, esta pintura mais recente revela uma maior preocupação com a cor, o desenho e um gesto que ganha largueza e fluidez. Continua a ser uma pintura que promete surpreender nestes próximos anos, pela sua força interior e «garra». ■

**Cristina de Azevedo
Tavares**